

UM OLHAR COMPARATIVO ENTRE DUAS MARGENS DO ATLÂNTICO: UM ESTUDO SOBRE AS MASCULINIDADES EM *CAPITÃES DA AREIA*, DE JORGE AMADO (BRASIL) E EM *MARGINAIS*, DE EVEL ROCHA (CABO VERDE)

A COMPARATIVE GLANCE AT TWO BORDERS OF THE ATLANTIC: A STUDY OF
MASCULINITIES IN *CAPITÃES DA AREIA* BY JORGE AMADO (BRAZIL) AND
MARGINAIS BY EVEL ROCHA (CAPE VERDE)

Matteo Gigante⁷³

RESUMO: O artigo tenciona investigar uma possível relação entre dois romances, o brasileiro *Capitães da Areia* (1937) de Jorge Amado e o cabo-verdiano *Marginais* (2010) de Evel Rocha. Nos dois textos, provenientes de contextos lusófonos diferentes, relatam-se vidas de jovens socialmente marginalizados. O estudo propõe uma abordagem da relação entre diferentes gêneros, classes e identidades a partir destas narrativas. Um particular enfoque será dedicado às personagens masculinas e à presença de diferentes matizes identitários numa reconstrução de representações de gênero que problematizam e desafiam a norma hegemônica imposta pelo patriarcado.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira; Literaturas Africanas; Literatura Comparada; Estudos de Gênero; Masculinidades.

ABSTRACT: The article presents an insight on a possible relationship between two novels, the Brazilian *Capitães da Areia* (1937) by Jorge Amado, and the Cape Verdean *Marginais* (2010) by Evel Rocha. These two texts originate from different Lusophone contexts and reports the lives of socially marginalized youths. The study suggests an approach to the relationship between the different genders, classes and identities of those narratives. Particular attention is paid to

⁷³ Doutorando em Estudos Românicos (Estudos Brasileiros) na Universidade de Lisboa. Mestre em Estudos Românicos (Estudos Brasileiros e Africanos) pela Universidade de Lisboa. Bolsista do programa de bolsas de doutoramento da Universidade de Lisboa. *In memoriam* da Professora Serena Romagnoli. E-mail: giga.matteo91@gmail.com

the male characters and the presence of different nuances of identities that reconstruct gender representations, problematizing and challenging the hegemonic norm imposed by patriarchy.

KEYWORDS: Brazilian Literature; African Literatures; Comparative Literature; Gender Studies; Masculinities.

1. INTRODUÇÃO

Salvador da Bahia no Nordeste Brasileiro e a Ilha do Sal, pertencente ao arquipélago de Cabo Verde são cenários distantes capazes de lembrar uma genealogia comum. Um passado que nos fala de colonização, de opressão, de trabalho forçado, mas ao mesmo tempo de um precioso legado cultural que se exprime, por exemplo, na riqueza e variedade da realidade espiritual do povo baiano. Abeirando hermenêuticamente dois romances destas duas margens do Atlântico, temos a oportunidade de confrontar narrativas que introduzem nosso olhar numa realidade demasiadas vezes observada com superficialidade, a condição de vida de crianças socialmente marginalizadas. Assim, seguindo a proposta comparativa apontada pelo Professor Mário César Lugarinho, observamos a existência de múltiplos pontos de contacto entre *Marginais* e *Capitães da Areia* (LUGARINHO, 2012, p. 220).

O primeiro romance, *Capitães da Areia*, de 1937, foi publicado pouco depois da implantação do “Estado Novo” no Brasil. Nessa época, apesar da repressão da ditadura, uma parte do povo e dos intelectuais, entre eles o escritor Jorge Amado, estava engajada no apoio à resistência, denunciando as injustiças sociais e sonhando com o socialismo.

O mesmo sonho influenciou a resistência que marcou o caminho da independência de Cabo Verde do seu passado colonial, através da intervenção de Amílcar Cabral, revolucionário que lutara para a construção de uma sociedade socialista e igualitária em que podiam caber todos. Assim, como apresenta Sónia Vaz Borges, antes do seu assassinato em 1973 (BORGES, 2008, p. 157), Cabral tinha deixado um legado teórico importante e um profundo

estudo social e político sobre as suas terras, procurando um caminho de emancipação das opressões de gênero e de classe (BORGES, 2008, p. 150 - 155). Apesar disso, no período de consolidação de Cabo Verde como Estado soberano, algumas vozes provenientes dessas ilhas referem-nos uma realidade diferente daquilo que fora o projeto político sonhado por Cabral. Em 2010, anos após a “abertura política” caracterizada por um sistema multipartidário, o panorama descrito por Evel Rocha no livro *Marginais* mostra-se decididamente distópico. A narrativa apresenta um cenário social desalentador, caracterizado por uma forte desigualdade econômica, opressão de gênero e um desprezo das classes privilegiadas em relação ao resto da população, condenada à miséria. Como afirmado por Lugarinho, nessa obra ambientada em Sal entre 1977 e 1999 (LUGARINHO, 2012, p. 219): “A terra é esvaziada de sentido porque a nação é representada por um Estado indolente, incapaz de ser a entidade capaz de promover a justiça e a estabilidade social, com políticas efetivas de inclusão e socialização” (LUGARINHO, 2012, p. 220).

Efetivamente, as duas narrativas retratam a injustiça social de um ponto de vista poucas vezes entendido – o do mundo dos jovens pertencentes a gangues. Estes grupos sociais, como explica Pierre Bourdieu no ensaio *A Dominação Masculina*, são fortemente condicionados por mecanismos de virilidade associados à honra, à coragem e à violência. Estas condições são parâmetros de uma avaliação constante, inerente às dinâmicas de socialização internas ao grupo. Nestas dinâmicas existe a exaltação de um ideal de virilidade mitificada, constantemente negociada “*diante dos outros*” (BOURDIEU, 1998, p. 44, 45). Assim, ao longo destas narrativas, apesar das diferenças de cariz histórico-cultural, constatamos uma interligação interessante na releitura da afirmação deste processo social e na problematização destas questões, através da apresentação das suas variantes e contradições.

Os dois romances, como na tradição literária – desde o *Dom Quixote* até a atualidade – são apresentados aos leitores com molduras de verossimilhança

metanarrativa. Assim, *Capitães da Areia* introduz a narração através de artigos de um diário chamado “Jornal da Tarde”. Nestas resenhas, são esboçadas as personagens a partir da linguagem da comunicação social. Essa estratégia criativa pretende destacar como os jornais, muitas vezes apresentados como ‘objetivos’, são capazes de manipular a realidade, condicionando a opinião pública. Nos artigos, de fato, repara-se uma caricatura de um jornalismo subserviente em relação ao poder.

Devotado a cativar as oligarquias, o jornal associa constantemente os ricos, aos conceitos de honestidade, trabalho e moralidade em contraposição ao uso de uma linguagem estigmatizante em relação às pessoas mais carenciadas. Nesse sentido, entre as cartas remetidas para a redação do diário e publicadas, ressaltam o testemunho de uma mãe costureira (AMADO, 1937, p. 17), cujo filho tinha sido torturado no reformatório e do Padre José Pedro (AMADO, 1937, p. 18), apoio espiritual das crianças detidas, reafirmando o relato da mulher. A seguir, o diretor do reformatório, numa linguagem conceituada, defende a “santa missão” educativa da instituição, rebaixando a “mulherzinha do povo” (AMADO, 1937, p. 19) que não teria moralidade para questionar, porque, segundo o aludido caluniosamente, a costureira estaria a lamuriar-se ao sentir falta dos recursos procedentes dos furtos perpetrados pela prole. Por outro lado, vista a pública denúncia das atrocidades cometidas na instituição, o sacerdote é insultado como “padre do demônio” e é interdito de frequentar a instituição (AMADO, 1937, p. 19).

Diante da problemática situação dos meninos “bandidos”, o narrador, segundo quanto apresentado por Neivana Rolim de Lima e Maria Luiza Germano de Souza, seria profundamente empático em relação às crianças (LIMA & SOUZA, 2015). Dessarte, é encenada uma convivência com as personagens, por meio de uma narrativa em terceira pessoa, intercalada por elementos da oralidade, inseridos no discurso direto.

Por outro lado, o livro *Marginais* é ficcionalmente emoldurado numa metanarrativa que perpassa e antecipa o relato principal, encenando um encontro em que o narrador autodiegético Sérgio *Pitboy* (protagonista) entrega as suas memórias em papéis avulsos para um “Engenheiro” na esperança de serem divulgadas. Portanto, essas memórias, que o autor subintitula como “Apontamentos de um vagabundo”, teriam sido recolhidas em bilhetes amarelados e segundo as premissas do Engenheiro, seriam um mecanismo catártico de Sérgio *Pitboy* para aliviar o sofrimento da vida. Além disso, o Engenheiro, o ‘segundo autor’, confessa algumas alterações aportadas ao texto original, mormente demasiado audaz e vulgar, criticando a personalidade do protagonista e distanciando-se dele (ROCHA, 2010, p. 13 - 14).

2. OS PROTAGONISTAS

Numa análise comparada das masculinidades apresentadas nos dois textos, a partir dos protagonistas, evidenciam-se elementos de afinidade narrativa. No romance *Capitães da Areia* são descritas as vidas de múltiplas personagens, tendo em conta que o foco exegético está projetado sobre os ‘capitães da areia’, um grupo de meninos em situação de rua que intitula o livro. Dito isto, Pedro Bala, chefe dos meninos, é identificado como personagem principal.

Desde o início, a criança é descrita pelo “Jornal da Tarde” como intrinsecamente demoníaca. Por meio do encontro entre Pedro Bala e o menino Raul, é mostrado o preconceito social que envolvia os ‘capitães’, gerando um círculo vicioso. Raul é referido como um “dos ginasianos mais aplicados do Colégio Antônio Vieira” (AMADO, 1937, p. 12). O menino, com onze anos, é neto de um ilustre Comendador, assaltado pelos ‘capitães’ e retratado como uma criança inocente e “linda”. Por outro lado, Pedro Bala “que é reconhecível devido a um talho que tem no rosto” (AMADO, 1937, p. 12), é adjetivado como malvado

e criminoso; em uma conversa relatada pelo angélico menino que revela o conflito entre estes dois mundos: “Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o cais. Fiquei gostando dele, parece um desses meninos de cinema que fogem de casa para passar aventuras” (AMADO, 1937, p. 12). Este relato elucida uma profunda diferença de vida entre Pedro Bala e Raul. Pedro argumenta que Raul, menino abastado, não conheceria a diversão; por outro lado, Pedro não tinha brinquedos nem tempo para brincar dado que, desde a meninez engenhou-se diariamente na arte da sobrevivência. Outra diferença essencial entre os dois meninos é que o “malvado”, ao contrário do angélico párvulo, nunca teve a oportunidade de frequentar uma escola.

Por outro lado, como sabemos, a liberdade, que é evocada repetidamente por Pedro Bala e pelos outros meninos de rua, não representa o fruto da escolha romântica de nômadas sonhadores, como idealizado por Raul, mas é um imperativo de sobrevivência. Mesmo assim, Pedro Bala remarca o seu apreço em relação à liberdade, único bem que acreditava possuir. Ele já tinha ouvido falar da palavra direito, mas concretamente nunca tinha experienciado o sentido de tal abstração. No momento em que se encontrou detido no reformatório, lugar de tortura e trabalho forçado, começou a atribuir um novo sentido à palavra liberdade. Um conceito que levou o pai de Pedro, estivador, morto durante uma greve, ao extremo sacrifício. Este heroico progenitor, do qual Pedro ouve falar pela voz do sindicalista João de Adão, não morrerá apenas para um aumento de salário, mas anelava uma verdadeira liberdade que incluísse todos os oprimidos. Além de João de Adão, estivador, sindicalista e referente político, o grupo era acompanhado por Padre José Pedro, sacerdote de origem operária que, em contraste com as elites financiadoras da igreja e com as hierarquias eclesiásticas, vocacionava reavivar a inocência do grupo sabendo que o reformatório não contribuiria para a educação das crianças:

Lá em cima, na cidade alta, os homens ricos e as mulheres queriam que os Capitães da Areia fossem para as prisões, para o reformatório, que era pior que as prisões. Lá embaixo, nas docas, João de Adão queria acabar com os ricos, fazer tudo igual, dar escola aos meninos. O padre queria dar casa, escola, carinho e conforto aos meninos sem a revolução, sem acabar com os ricos. Mas de todos os lados era uma barreira (AMADO, 1937, p. 99).

Conhecendo as barreiras que limitavam a sua liberdade e uma serena ‘integração’ naquela sociedade, Pedro era herdeiro de um ódio atávico às instituições que, desde seu alvorecer no mundo, apresentaram-se repressivamente. Apesar disso, apenas ao findar da narrativa, Pedro começa a projetar os seus sonhos de liberdade numa esfera política.

Analogamente, em *Marginais*, o protagonista Sérgio funda desde pequeno, com o amigo Fusco, uma gangue chamada “*Pitboys*”. Formado por crianças carentes, esse grupo transformou-se progressivamente numa organização na qual o futebol, a diversão e as experimentações sexuais eram alternadas com furtos e outras atividades ilícitas. Desde pequeno, Sérgio aprendeu, trabalhando nas casas das famílias mais abastadas em troca de comida, a subtrair alimentos para ajudar a sustentar a sua família que vivia na miséria:

Fui o menino da Ribeira Funda que mais trabalho deu aos adultos. Conhecía todos os cantos onde as galinhas poedeiras escondiam seus ninhos, sabia todas as manhãs de como tirar o sorvete das outras crianças, sabia de cor o nome dos actores famosos e era capaz de falsificar ingressos para entrar no cinema. Claro que não me orgulho dessas façanhas, mas ajudaram-me a aliviar a dor de ser pobre, compensavam as privações que o destino me impunha (ROCHA, 2010, p. 35).

Por isso Sérgio, desde a infância, sentiu nas suas costas o peso de viver num mundo de privações e injustiças que inspiraram a formação do seu grupo coacervando o sonho de converter-se num famoso futebolista ou no “advogado dos pobres” (ROCHA, 2010, p. 64).

Uma das primeiras medidas foi que cada um elegeisse um ídolo que reflectisse o sentimento do grupo. Um grupo é uma tribo moderna com rituais bem delineados. Raspadeira foi expulso dos *Pitboys* por ter sugerido que tomássemos Cristo como nosso ídolo. Era de uma levandade indescritível pensar uma coisa dessas. Para mim, Che Guevara simbolizava tudo. A sua revolução era contra as classes dominantes, contra o imperialismo e a dominação. A meu ver, a ilha do Sal está infestada de sanguessugas, coronéis que só pensam no vil metal e cultuam o desprezo pelos marginalizados. A ilha precisa de um libertador, não de um actor religioso que se deixa crucificar passivamente, ou um vendilhão de milagres e esperanças descartáveis. Precisamos de um herói que conheça bem a miséria e a fome, que esteja na disposição de destronar a ditadura dos operadores turísticos e governos corruptos. Che é o meu ídolo! Sempre foi. Conheço bem a sua história e temos muita coisa em comum, por exemplo, Che nasceu em Rosário e eu sou filho de uma mulher chamada Rosário, Che teve uma infância difícil como eu e, em adulto, deu a sua vida para defender e ajudar os fracos e oprimidos. Che Guevara disse: «Se você treme de indignação perante a injustiça cometida a qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo, então somos companheiros» - Grande Che! Esta frase revelava o desejo de revolta que se inflamava no meu interior, ela reacendia os laivos de anarquia que iluminavam os meus olhos e corriam nas minhas veias. Tal como o homem da boina preta eu tinha um ideal. Meu sonho não se limitava aos estádios de futebol; atravessava as fronteiras da glória para dar voz aos indigentes como Adalgisa, Paula, Astrogildo, Élton e tantos outros que foram raptados por vendedores de órgãos humanos que facturam milhares de contos nos bancos de órgãos para acidentados no estrangeiro. Eu haveria de provar ao mundo que não nascemos apenas para constar das estatísticas e ser marginais, os para-raios da maldição humana, e acabar numa cova sem nome. Somos maltratados pela lei, duplamente maltratados pela miserável condição de vida que levamos (ROCHA, 2010, p. 29, 30).

Por isso o protagonista, mesmo desrespeitando todas as normas e participando, como descrito ao longo do livro, em ações cruéis e violentas que agoniavam a população da ilha, tinha princípios éticos de fundo, materializados na referência a Che Guevara e aos ideais de justiça social. Neste sentido, por exemplo, numa fase em que sobrevivia através do comércio de drogas, declinando os pedidos do amigo Pianista, Sérgio recusou converter-se num proxeneta. Apesar do colega que dizia: “Precisas deixar essa paranóia de salvar o mundo; toma contacto com a realidade [...]” (ROCHA, 2010, p. 129); a

consciência de Sérgio não se deixou convencer pela afirmação “Hoje, ou matas ou morres” (ROCHA, 2010, p. 130), postulada por Pianista.

Contudo, a benevolência de Sérgio era extremamente seletiva. Da mesma forma que Sérgio, Pedro Bala estava disposto a sacrificar-se pelo grupo que liderava. Por isso, mesmo tomando medidas arbitrárias e violentas, Pedro tinha uma preocupação para com o grupo e um certo grau de sensibilidade diante dos problemas humanos. As duas personagens, mesmo imersas num mundo que desbaratava os valores humanos pelo capital, estavam dispostas a recusar a regra do ‘salve-se quem puder’ em nome de princípios e interesses comunitários. De fato, estes grupos, formados por meninos, simulacros de fragilidade, aprenderam a enfrentar uma sociedade que os excluía. Como veremos adiante, nos casos de Pedro e de Sérgio, os contextos familiares que deveriam apoiar as crianças acabaram por desmazelar-se.

A escola, elemento de resgate social, apresenta-se para esses meninos como uma opção negada. Pedro Bala não tinha ninguém que o sustentasse, por isso, como muitas crianças no Brasil daquela altura, não tinha tido a oportunidade de cumprir estudos formais. Mesmo assim, almejou que Professor, o menino mais interessado na leitura e na arte, pudesse inscrever-se, com a ajuda de todo o grupo, na escola de Belas Artes. Apesar da recusa desse sonho por parte de Professor, Pedro reavivara sua esperanças afirmando: “João de Adão disse que um dia a gente pode ter escola...” (AMADO, 1937, p. 118).

Em contrapartida, algumas décadas depois, Sérgio, tinha começado os estudos obtendo bons resultados, porém ao longo do tempo, as suas notas começaram a decrescer e o menino reprovou por causa das faltas: “a escola ensinou-me que sou um indivíduo incapaz e predestinado a ser ruim. Os professores não fazem ideia do que é ir à escola de estômago vazio” (ROCHA, 2010, p. 129). Assim, por causa desse insucesso, Sérgio perdeu o direito a continuar os estudos para tornar-se advogado, como a mãe sonhara.

Efetivamente, desde a infância, a sua mãe tinha ambicionado que estudasse para tornar-se rico e poderoso como o Doutor Apolinário, o advogado da ilha, envolvido com a política local. Contrariamente, esta personagem catalisaria em Sérgio e nos *Pitboys* um ódio peculiar e duradouro. O Doutor Apolinário, era egoísta e embora fosse rico e dos poucos formados, nunca aprendera a ser ‘humano’, desrespeitando diariamente as pessoas que o rodeavam. Pelo contrário, aproveitava do seu poder para atingir privilégios, desprezando os outros.

Dito isso, pode-se afirmar que, mesmo coacervando o sonho, legado da sua mãe, de tornar-se advogado, a relação de Sérgio com as instituições educacionais era conflitual. Durante o período de maior tensão, em que era injustamente punido pelos docentes, Sérgio vingou-se da instituição através de um Doutor em Letras, vindo do estrangeiro, catalisador da sua repulsa:

Não apertei a mão ao tal do doutor estrangeiro, mas ajudei-o a substituir a roda furada do carro e num gesto de agradecimento, encheu meus bolsos de caramelos. Deixei que ele arrancasse o carro para ir embora e dei uma retumbante gargalhada, pois, tinha sido eu quem tinha furado a roda do carro (ROCHA, 2010, p. 56).

Efetivamente, na narrativa, Sérgio foi maltratado e insultado pelo Dr. Apolinário após ter-lhe salvo a vida, impedindo-o de comer uma lata de sardinhas envenenadas (ROCHA, 2010, p. 35). Desde então, começou a desconfiar do sistema educativo *tout court* repudiando-o enquanto instituição. Mesmo assim, no prefácio o protagonista entrega as suas anotações nas mãos de um Engenheiro para que concedesse visibilidade à sua história (ROCHA, 2010, p. 13).

3. AS RAÍZES: ENTRE O SONHO E O DESENCANTO

Para compreender melhor o desenvolvimento das narrativas, considera-se oportuno analisar e comparar o entorno social e familiar dos protagonistas.

Pedro nasceu numa família proletária; o pai, alcunhado de Loiro, era um estivador conhecido e respeitado nas docas por ser carismático e corajoso. Durante uma greve, Loiro morre baleado pela repressão policial. Após a morte do pai, Pedro fica completamente órfão, dado que a mãe faleceu quando ele tinha seis meses, inicialmente acolhido pelos companheiros do pai, acabou por fugir (AMADO, 1937, p. 76). Logo, integrou-se nos ‘capitães’, sendo considerado um dos mais destemidos. Por isso, indignado por uma injustiça, enfrentou o antigo chefe Raimundo, ganhou a luta e foi aclamado líder (AMADO, 1937, p. 26-27).

Por outro lado, a família de Sérgio era chefiada por Rosário, uma mulher honesta e trabalhadora que teve a incumbência de criar os filhos sozinha. De fato, Dadejo, o pai de Sérgio, era irresponsável e mulherengo; trabalhava raramente como pedreiro, gastando todo o dinheiro para si próprio e retornando esporadicamente para casa. Rosário amava-o loucamente e sonhava em casar-se com ele, porém, um dia Dadejo saiu com uma amante e nunca mais voltou:

Ela tinha feito tudo para segurar o seu homem, trabalhava para lhe sustentar os vícios, fazia jogo de cintura, [...] lombava de sol a sol como uma escrava, recorria aos curiosos, fazia salamaleques, mas nada serviu para convencer Dadejo, meu pai. Ela olhava para papai com olhos de uma criança mirando doce. A maneira como falava dele fazia-me lembrar os contos de fada na sua voz melificada de paixão. Mamãe levava porrada e, em silêncio, ouvia descomposturas dele, quando entrava como num pé-de-vento quebrando tudo o que encontrava pela frente sem qualquer motivo. Ela chorava como uma criança, mas logo enxugava os olhos e fazia tudo com um entusiasmo indescritível para agradar ao seu homem (ROCHA, 2010, p. 28).

A mãe de Sérgio, vítima de violência doméstica, fez grandes sacrifícios para sustentar seis filhos: quatro meninas e dois meninos. No entanto, mesmo recebendo solidariedade e comida de todo o entorno social (ROCHA, 2010, p. 18), Rosário perdeu muito cedo três das suas filhas por causas desconhecidas (ROCHA, 2010, p. 24). Normalmente trabalhava como lavadeira e, com a chegada do turismo, começou a fazer limpezas no Hotel Atlântico (ROCHA, 2010, p. 64). Entretanto, o objetivo da mulher era obter os documentos necessários para emigrar para Itália. Segundo as esperanças da mãe, honesta e conscienciosa, a migração proporcionaria o dinheiro suficiente para pagar a Universidade do filho Sérgio. Na adolescência, Sérgio descrevia a mãe e os seus sonhos com estas palavras:

Mamãe era jovem, o corpo seco e ossudo aparentava o dobro da idade que tinha. Como queria falar para ela não se incomodar! No futuro haveria de lhe dar tudo o que não teve direito, havia de lhe encher de coisas lindas e caras, seria um grande futebolista e um ilustre advogado, compraria um casarão só para ela e colocaria meu pai numa cadeia de prata! (ROCHA, 2010, p. 21).

Por isso, o jovem Sérgio, reconhecendo os sacrifícios com os quais a mãe o sustentava, desejava trabalhar para cumprir os seus sonhos de resgate social, punindo o seu pai pela negligência, embora de forma elegante e sofisticada. Por outro lado, a mãe começou a constatar o envolvimento do filho em ações criminosas, tentando dissuadi-lo através de punições e com o exemplo prático e moral do seu sacrifício: “Não me importo de morrer para te fazer alguém na vida. Mais vale comer milho *alheado* com honra do que bife com desonestidade!” (ROCHA, 2010, p. 33). O desmoronamento da estrutura familiar de Sérgio efetiva-se com a imigração de Rosário para Itália e a sua expulsão de casa, exigida pelo irmão casado e com filhos. Então Sérgio, começa a morar na rua sem nenhum apoio financeiro por parte da família, obtém a hospitalidade dos amigos Fusco e Beto, descobrindo posteriormente que a cunhada escondia as

cartas enviadas pela mãe subtraindo o dinheiro contido (ROCHA, 2010, p. 97-98).

Assim, como analisado, apesar dos esforços e da esperança de resgate social, que acomunam as famílias de ambos os protagonistas, a vida como realidade empírica apresenta-se como injusta e insatisfatória. Os sonhos de emancipação e de afirmação social, que engendram os protagonistas, são quebrados pela crueldade das circunstâncias e do meio social, sendo renegados pelas violentas experiências de vida. Este processo de quebra dos sonhos constitui, sobretudo para Sérgio, uma aparente quebra dos valores sociais e ideais.

No entanto, cabe constatar que os valores e os ideais são fundamentais na leitura destas narrativas. Ambas as personagens chegam a reconhecer no socialismo uma esperança e uma forma de justiça social. Pedro Bala entende a dádiva ideológica deixada pelo sacrifício do pai com o tempo e graças à gente das docas. Assim, no findar do romance, Pedro Bala descobrirá através da greve uma relação de unidade com outros oprimidos engajados para um futuro melhor. Esse percurso de conscientização levá-lo-á assim a sentir empatia, tornando-se, não somente parte do contexto social, mas também protagonista de uma luta por uma sociedade inclusiva, aberta e solidária. Nesse contexto, Pedro colabora, pela primeira vez, com um estudante e com trabalhadores, entretecendo relações humanas mais amplas e resumindo esse caminho de através da frase: “A greve é a festa dos pobres. Os pobres é tudo companheiro, companheiro da gente” (AMADO, 1937, p. 225). Pedro consegue vencer através da vida política, o seu abandono e a marginalização social, refugindo ao fenômeno da anomia. Por um lado, ambas as narrativas mostram, em certas fases, contextos de anomia que, parafraseando Durkheim, representaria uma crise ou falta de vínculos e estruturas familiares sólidas, crise de valores e da confiança nas instituições sociais (Cfr. DURKHEIM, 1897, p. 264 – 311).

Em vista disso, ressalta-se uma diferença substancial, Pedro após ter precocemente perdido os vínculos familiares, consegue reintegrar-se na sociedade, enquanto Sérgio passa pelo processo inverso. Sérgio era filho de uma mãe conscienciosa e teve, ainda que por um período limitado, oportunidade de estudar e construir relações. Mesmo assim, constatando as injustiças sociais sublinhadas na narrativa, afasta-se de todas as normas institucionais cortando os laços com a família e a comunidade chegando à anomia que o levará a desejar o suicídio:

Natal é tempo de presentes. O meu melhor presente era conseguir desaparecer no tempo. Como um velho tísico, fragilizado pela dor, não consigo coordenar os meus movimentos, não tenho forças para vencer a tristeza que me envolve na solidão da noite, minhas vísceras, meu organismo gritam num fragor ensurdecedor pela droga. Talvez eu mereça o golpe de misericórdia de uma dose cavalgar, do corte de uma lâmina no pulso, de um tiro na cabeça. Sinto que chegou o fim, é hora de buscar essa paz que cantam lá fora. Fecho os olhos e vejo os astros a brilhar, vejo uma estrela fulgurante e as nuvens prateadas que parecem anjos que cantam pela paz e a minha alma anseia por demais pelo sol de eterno fulgor que, certamente, iluminará os meus passos no além... (ROCHA, 2010, p. 221).

Interessante, neste sentido, constatar que o pensamento suicida, devido também ao seu deplorável estado de saúde, acontece durante o período de Natal, festa tradicionalmente familiar, que o protagonista vivencia num cenário distópico de solidão e sofrimento. É relevante na narrativa de Evel Rocha, cientista social, um cumprimento exemplar de algumas teorias das Ciências Sociais sobre o suicídio. Efetivamente, já Karl Marx apontava que “o suicídio seria sintoma de uma sociedade doente” onde se verifica a alienação e “cada um é estranho de si e todos são estranhos entre si” (MARX, 1883, p. 42, Apud ARAÚJO & BICALHO, 2012, p. 725). Esta visão, reflete experiência distópica narrada por Sérgio, distante do que se esperaria da tradição comunitária caboverdiana, reconhecida pela sua extensão, inclusão e solidez. O estranhamento social, emblemático no mundo contemporâneo, através da exclusão, geraria a

anomia que, segundo o sociólogo Émile Durkheim, seria uma das causas principais do suicídio (Cfr. DURKHEIM, 1897, p. 264 – 311). Mesmo assim, no fim da narrativa, após o suicídio, descobre-se a possibilidade inesperada de um novo legado humano, irremediavelmente rescindido. Ao ser irreversivelmente afundado na obscuridade do subsolo, o corpo exangue de Sérgio é observado por Gertrudes que naquele instante soube ser a sua filha desconhecida, sua única herança numa terra renegada pela desesperança (ROCHA, 2010, p. 223).

4. RELAÇÕES DE GÊNERO: AS FERIDAS DO PATRIARCADO, RESILIÊNCIA E SUBVERSÃO

Um estudo das relações de gênero esboçadas nestes dois romances revela um evidente conflito entre as normas sociais e a realidade. Cabe constatar que, em ambas as narrativas, as representações sociais da sexualidade são mormente descritas como relações opressivas.

Em *Marginais*, são representadas várias histórias de meretrício, entre as mais representativas podemos destacar àquelas de Mirna e Margarete. Mirna nasceu num contexto poligâmico em que o pai Custódio sustentava dificilmente três famílias em vilas diferentes: “Quando brigava com uma, buscava consolo numa outra e jurava amor eterno a todas” (ROCHA, 2010, p. 93). Na sua família, Mirna observava frequentemente episódios de violência sem saber como reagir. Amiga dos *Pitboys*, no dia do décimo sétimo aniversário de Sérgio, Mirna preparou um bolo de ananás recheado com preservativos, inaugurando a vida sexual dos meninos através da celebração de um simpósio orgiástico e festoso (ROCHA, 2010, p. 86). Por outro lado, com o tempo, Mirna começou a acumular dívidas e a trabalhar:

Mirna ganhou a consciência do mundo em que vivia: os que tinham e os que não tinham. Ela, como tantas outras moças, endividava-se

ou dava expedientes na noite para se vestir a preceito. Aos quinze anos de idade, saiu em busca do seu primeiro emprego. O calvário dela começou, quando o gerente de um *snack-bar* lhe disse que com um corpo bonito como o dela podia ganhar muito. Servia os clientes de *top less*, levava palmadinhas nas nádegas e como o salário era insignificante, saía com alguns que a presenteavam com roupas caras (ROCHA, 2010, p. 90).

Por isso, com o passar do tempo, vista a situação econômica da família e a condição de desemprego, Mirna começou a aceitar convites de homens ricos e, muitas vezes, casados. Consciente da sua experiência familiar e do sofrimento da mãe, Mirna recusou apegar-se e entregar a sua afetividade apenas a um homem, ganhando dinheiro e objetos em troca de sexo (ROCHA, 2010, p. 113). Outra estratégia usada pela mulher era fingir gravidez, pedindo aos homens dinheiro para abortar (ROCHA, 2010, p. 143). Assim, no findar do seu sofrimento vital, assistiu ao seu histriônico exorcismo encenado por Beto, ex-amante convertido ao Evangelismo que, com uma gravata e uma Bíblia na mão, pretendia julgar, condenar e extirpar, baseando-se em banais prédicas moralistas, todas as misérias da humanidade. Após a sua morte, em uma situação de grande miséria, nenhum dos coronéis com que costumava prostituir-se concedeu dinheiro para o funeral. Por outro lado, o funeral de Mirna, organizado por Sérgio com o dinheiro ganho através de uma aposta, transforma-se numa festa de resgate para os esquecidos da ilha, provocando a indignação do Doutor Apolinário, contrário à sepultura da mulher no cemitério municipal, junto às almas que tiveram o privilégio da ‘redenção social’.

Paralelamente, Margarete nasceu num hediondo contexto familiar. Durante a infância, Margarete foi violada pelo próprio irmão que a contagiou com uma doença venérea aos dez anos. Consequentemente, o pai, seguindo o seu conceito de justiça, matou o filho estuprador e acabou preso. Assim, obrigada a sustentar-se sozinha, Margarete encaminhou-se para a prostituição até encontrar o afeto do artista plástico Giovanni “um italiano de meia-idade por quem se apaixonou pelo seu jeito de fazer esparguete, de pintar retratos e

fazer elogios à nudez” (ROCHA, 2010, p. 88). Apesar disso, evidentemente, a vida de Margarete ficou para sempre marcada por uma dor imanente e incontornável.

Para essas duas personagens do romance *Marginais*, a prostituição é consequência de um ambiente familiar hostil e pouco sólido, bem como de uma sociedade que não proporciona perspectivas de trabalho essenciais à sobrevivência, sobretudo às mulheres. De fato, apesar de algumas exceções nas quais as mulheres se dedicam ao empreendedorismo comercial, observa-se o quanto é difícil, às mulheres, conquistar oportunidades de trabalho bem remunerado, conseguindo uma independência econômica em relação aos homens. Por exemplo, após anos de trabalho como lavadeira e funcionária de limpeza em hotel, Rosário, mãe solteira de Sérgio, consegue realizar o seu sonho de emigrar para Itália para proporcionar aos filhos a oportunidade de estudar. Mesmo assim, em Cabo Verde, Rosário, como muitas outras mulheres, acostumou-se a conviver com uma situação de poligamia explicada nestes termos:

A fome faz com que mulheres, que não tiveram a oportunidade de estudar, que viveram a vida inteira subordinadas ao culto do macho, se entreguem ao cuidado de um homem que seja trabalhador para sustentá-las, mesmo que esse homem viva com outra, contanto que não deixe faltar pão sobre a mesa e roupa para os filhos (ROCHA, 2010, p. 93).

Nessa narrativa, de fato, o próprio matrimônio é descrito como um acordo, omitindo e prescindindo das suas prerrogativas afetivo-românticas. Sérgio sabe desde a infância que, posto que a Ilha de Sal carece de mulheres, os homens viajam para São Nicolau no intuito de voltar com uma esposa recém conhecida ou, outras vezes, esperam que a prometida chegue ao porto. Por outro lado, entre os jovens *Pitboys*, à prática da zoofilia é bastante comum:

Não via pecado nenhum nessas promiscuidades, pois, as risadas maldosas dos adolescentes projectavam-se na vontade de se trancar numa cabra, numa besta ou numa vaca sonolenta. A razão para tanta desavergonhice era sempre a mesma: Sal tem poucas mulheres... os homens são parodiantes e não lhes dão atenção... é melhor pôr-se numa besta do que se aventurar nas meninas de vida infestadas de doenças... (ROCHA, 2010, p. 27).

Nesse panorama existiam ainda personagens femininas que apagavam os próprios desejos sexuais através de estratégias alternativas. Por exemplo Zefa Manquinha, comerciante amputada de uma perna, costumava praticar o onanismo através de um pau, apelidado de “avantajado marido” pelos maliciosos *Pitboys* (ROCHA, 2010, p. 50). Esse episódio de autoerotismo feminino, tornava-se inaceitável porque as mulheres eram vistas como sujeitas ao prazer sexual dos homens. Assim, o ‘consolador artesanal’ é sequestrado e torna-se objeto de chantagem por parte dos meninos, que expropriavam as bebidas alcoólicas do minimercado em troca do silêncio. Sempre prontos a escarnecer e abusar da debilidade física desta mulher, os *Pitboys* furtaram repetidamente a lojista, chegando a invadir a sua própria casa.

A violência contra as mulheres é um elemento recorrente desta narrativa, em que Gertrudes, uma menina de onze anos, é prostituída por Adélia, sua mãe viúva, coagida por parte do comerciante Amândio (ROCHA, 2010, p. 217 - 220). Assim, no afã de conseguir o sustento da família, a mãe e a filha engravidam do mesmo homem, na mesma semana.

Era comum, nesse contexto, as mulheres encontrarem-se num estado de gravidez indesejado. Assim, apesar do receio a recorrer à interrupção da gravidez, legalizada apenas em 1997, algumas mulheres procuravam “abortadeiras” como Nha Maria do Monte, mãe de Mirna, pondo em risco a própria vida (ROCHA, 2010, p. 167). Mesmo assim, como considera Sérgio, algumas vezes o aborto era a única possibilidade de ‘salvar’ a criança de uma “penúria sem fim” (ROCHA, 2010, p. 170). De fato, situações de violência sexual

marcam as histórias de personagens como Mirna que, graças à sua mãe, abortou três vezes antes da maioridade.

Por outro lado, em *Marginais*, os abusos sexuais afetam também personagens masculinas. Neste sentido, ressaltam as torturas perpetradas por policiais em relação à Pianista, na hora da sua prisão com Sérgio, culminadas num abuso sexual. (ROCHA, 2010, p. 170).

Podemos destacar que, na maioria dos casos apresentados, excluindo-se raras exceções, a sexualidade é descrita com tons decididamente negativos. O contexto patriarcal normaliza assim, uma relação hegemonicamente desigual entre os gêneros, dentro dos quais as mulheres são bodes expiatórios. A maioria das mulheres representadas, além de ser vítimas da miséria, são em algumas circunstâncias, excluídas do trabalho formal e impossibilitadas a garantir a subsistência própria e dos filhos. Nesse sentido, o casamento e os outros compromissos envolvidos com a sexualidade, são condicionados por essa lógica de poder e interesse, própria do patriarcado, descrita por Bourdieu como “mercado matrimonial” (BOURDIEU, 1998, p. 36), marcadamente distante dos imaginários românticos retratados nas fábulas.

A violência, assim, assenta-se também nas relações sexuais que, algumas vezes, são propriamente alicerçadas nessa violência. Uma violência que se exprime em diferentes formas e graus: violência doméstica, violência da chantagem econômica ou de poder social e violência sexual. Por outro lado, como destaca Mário César Lugarinho “em *Marginais*, a sexualidade é naturalizada e é experimentada através de estupros e violações, principalmente praticada pelos aparelhos estatais de segurança” (LUGARINHO, 2012, p. 221). Contemporaneamente, todos os relacionamentos que não se desenvolvem segundo o cânone familiar tradicional, que se metamorfoseia numa relativa aceitação da poligamia no caso cabo-verdiano, são formalmente sancionados e reprovados pelo poder. Por exemplo os poderes, representados pelo Doutor

Apolinário (poder secular) e Beto (poder religioso), chegam a condenar Mirna, vítima da vida, em vez de compreendê-la. Por outro lado, estas personagens inquisitórias, publicamente impecáveis, são, no quotidiano, contraditórias, imperfeitas e perdidas nas ruínas da realidade.

Assim, ao findar do romance descobre-se que, o considerado integérrimo Doutor Apolinário, sempre disposto a condenar a moralidade alheia, costumava “ser enrabado pelo seu motorista” (ROCHA, 2010, p. 213) longe das vistas de sua esposa. Da mesma forma os policiais, que são chamados a aplicar as leis e, teoricamente, representariam o poder do Estado, na narrativa, exercem esse poder de forma arbitrária ao torturar e violar Pianista.

Assim, em *Capitães da Areia* repara-se repetidamente o papel da polícia na repressão das crianças, a inépcia e a violência dos reformatórios, o tartufismo da burguesia e do ponto de vista religioso, a hipocrisia das hierarquias eclesiásticas em relação aos mais necessitados. De facto, este cenário apresenta múltiplos pontos de contacto com a narrativa cabo-verdiana.

Além disso, no romance de Amado são narradas cenas de violência sexual contra as mulheres, perpetradas por alguns dos ‘capitães’, como no caso da tentativa de estupro de Dora em que alguns dos meninos intervirão prontamente em sua defesa. Em seguida Dora será adotada pelo grupo e tornar-se-á noiva do Pedro Bala. (AMADO, 1937, p. 151).

Por outro lado, o tema do meretricio apresenta-se como recorrente. Gato, um dos ‘capitães’ mais charmosos, frequenta a zona de prostituição desde cedo. Assim, inicialmente escarnecido pelas prostitutas, com catorze anos começa a ganhar a confiança de Dalva, uma meretriz “de uns trinta e cinco anos” (AMADO, 1937, p. 39). Portanto, desafiando o seu proxeneta, Gato conquista o coração da mulher e cumprida a maioridade muda-se com ela para Ilhéus (AMADO, 1937, p. 216 - 217).

5. EXPERIÊNCIAS, RESISTÊNCIAS E DESPEDIDAS DE SEXUALIDADES NÃO-HEGEMÔNICAS

Como enfatizado anteriormente, as duas narrativas, apesar das especificidades, desenrolam-se em contextos patriarcais. Além disso, nas gangues, apesar da meninez dos componentes, verifica-se uma ostentação da virilidade entre os membros do grupo, como enfatiza Bourdieu (BOURDIEU, 1998, p. 44). Parafraseando Bourdieu, a coragem e o exercício da violência, praticas cotidianas destes meninos, são qualidades associadas à ideia de virilidade que atuam como elementos de competição, implementados na construção da própria imagem dentro do grupo (BOURDIEU, 1998, p. 44). Apesar disto, dentro destes grupos, existem personagens que fogem de forma explícita ou escondida à heteronormatividade e à cisgeneronormatividade imposta como paradigma do modelo cultural patriarcal.

Entre os “capitães” ocorriam esporadicamente práticas homoafetivas, definidas no texto como “pederastia”, termo em voga naquela altura. Considerada pecaminosa aos preceitos religiosos e morais, o Padre José Pedro empenhava-se “para exterminar a pederastia no grupo” (AMADO, 1937, p. 98 – 99). O Padre, assim como Querido-de-Deus, capoeirista e candomblecista, recriminavam fervorosamente a homossexualidade. Nas palavras do clérigo era considerada “imoral” e “feia”, salientando que: “[...] aquilo era coisa indigna num homem, fazia um homem igual a uma mulher, pior que uma mulher [...]” (AMADO, 1937, p. 99). Aqui constata-se que, como evidenciado por Bourdieu, na sociedade patriarcal vige “A ‘intenção’ objectiva de negar a parte feminina do masculino [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 22). Efetivamente, enfatiza Bourdieu, são comuns escárnios relacionados com a homossexualidade e sobretudo com a passividade que, nesta perspectiva, é associada à feminilidade (BOURDIEU, 1998, p. 18 - 19). Nesse sentido, Pedro, tinha decidido tomar “medidas violentas”, expulsando do grupo os receptivos (AMADO, 1937, p. 99, 43).

Efetivamente, segundo a cultura local da época, apenas os ‘passivos’ seriam considerados homossexuais (TREVISAN, 1986, p. 40 – 41).

Além desse episódio, aparece também outra referência à “pederastia” que, como nos outros casos, decorria de práticas homoeróticas entre adolescentes, desta vez, observada por Pedro no reformatório, quando duas crianças que cometeram “coisa feia” seriam castigadas pelos guardas da instituição (AMADO, 1937, p. 180 – 181).

Dentro dos ‘capitães’, desenvolve-se também o relacionamento homoafetivo entre Almiro e Barandão. Estas duas personagens vivem “aquele amor que o Pedro Bala proibira no trapiche” (AMADO, 1937, p. 123). A história de amor, insere-se com candor na narrativa de Amado mostrando-se como um elemento de confraternização e afeto num mundo hostil:

Todos procuravam um carinho, qualquer coisa fora daquela vida: o Professor naqueles livros que lia a noite toda, o Gato na cama de uma mulher de vida que lhe dava dinheiro, Pirulito na oração que o transfigurava, Barandão e Almiro no amor na areia do cais. (AMADO, 1937, p. 42, 43)

Ao longo da narrativa, além da necessidade de carinho, revelam-se também estratégias de sedução. O capitão Boa-Vida sente atração pelo charmoso Gato. Neste sentido, um espaço de afinidade e de intimidade preenche de desejo e cumplicidade a relação entre estes dois adolescentes. Num primeiro momento o charmoso Gato recusa o desejo de Boa-Vida, influenciado pelas normas de virilidade assentes no grupo, denegando a hipótese de ser visto como “maricas” (AMADO, 1937, p. 38). Apesar disso, após um conflito inicial com Boa-Vida, entende-se que Gato cede à volúpia do companheiro, retalhando espaços de homoerotismo às margens das suas conquistas heterossexuais performativamente ostentadas.

Efetivamente, em grande parte da obra a homossexualidade é socialmente estigmatizada, tanto pela religião católica quanto pelo próprio Pedro Bala que a pune através de expulsões. Apesar disso, cabe constatar que a perspectiva moral relativa a essa temática, como a decorrente terminologia empregada, são frutos contexto cronológico e sociocultural subjacente. Como notório, a homossexualidade foi longamente silenciada nas narrativas historiográficas e escondida na sombra do foco artístico por ser socialmente condenada.

Por outro lado, em *Marginais*, obra do século XXI, as sexualidades são apresentadas de uma forma mais pormenorizada e franca. Como afirma Mário César Lugarinho: “Em *Marginais*, a prática sexual é naturalizada, inclusive a Homossexual” (LUGARINHO, 2012, p. 221). Por isso, existem várias personagens homossexuais, entre outros, o protagonista. Apesar disso, nesse sentido, a personagem mais emblemática acaba por ser, sem dúvida, Fusco:

Fusco é personagem que ocupa lugar privilegiado por sua ousadia, pelo poder de sedução e por suas performances desafiadoras frente aos dispositivos de repressão com que se depara. Sérgio nunca rejeitara Fusco, pelo contrário, além da amizade, ambos passaram a compartilhar suas intimidades (LUGARINHO, 2012, p. 221).

Efetivamente, os dois meninos começaram a aproximar-se no momento em que Fusco compartilhou com Sérgio os seus livros de quadrinhos. Posteriormente, os livros de quadrinhos transformaram-se em pornografia, material aquinhado com grande entusiasmo. Assim, numa tarde, Fusco pediu a Sérgio que o penetrasse, mas o protagonista recusou alegando que “aquilo era pecado sem perdão” (ROCHA, 2010, p. 26). Apesar disso, mais adiante, Sérgio aceitará masturbar-se com o amigo em troca de umas moedas que usarão para organizar uma grande festa alicerçada no álcool (ROCHA, 2010, p. 49). A amizade entre os dois meninos concretiza-se, de fato, no nascimento dos *Pitboys*. Além disso, Fusco mostra-se sempre particularmente solidário ao

companheiro Sérgio ajudando-o a encontrar emprego, hospedando-o na casa que dividia com Beto Vesgo quando foi expulso pela família e auxiliando-o também, com sádica paixão, na castração dos policiais violadores (ROCHA, 2010, p. 154). Pela sua grande coragem e pela lealdade à gangue, Sérgio prezava veementemente Fusco:

Eu admirava o comportamento de Fusco. Rebolava a polpa obstinadamente, mas era arrojado. Quando partilhei com ele a ideia de nos vingarmos dos dois homens, ele prontificou-se. Era como se tivesse transformado numa fera, um mutante que se libertava das peças de roupa feminina e da fragilidade de mulher para vestir a roupagem de uma fera ferida na sua dignidade (ROCHA, 2010, p. 154).

Fusco é uma personagem decididamente *queer*, capaz de desestruturar paradigmaticamente categorizações de sexo e gênero binárias e – segundo a norma patriarcal – excludentes. Fusco encarnava em si, com grande maestria, uma ‘cornucópia’ de potencialidades existenciais e de gênero. Desde a infância, Fusco foi visto como diferente, sofrendo fases de depressão. Nestes momentos interiorizava a mágoa de sentir-se num corpo inadequado ao seu horizonte de existência ou, melhor dito, num mundo inadequado. Por isso, desafiava as normas e as hostilidades do patriarcado tingindo o cabelo das cores mais fantasiosas, vestindo roupas femininas e usando *piercings* artesanais. Contudo, ressalta Sérgio que: “Apesar do seu jeito amulherado, ele era destemido e trabalhador; ajudava a descarregar as carrinhas de mercadoria e conseguia sempre um *job* para os amigos [...]” (ROCHA, 2010, p. 78). Ao mesmo tempo, “Fusco gostava de tomar banho com as moças para soltar seu lado feminino e expandir o seu jeito efeminado [...]” (ROCHA, 2010, p. 79). Através de seu aspecto considerado “afeminado”, Fusco não queria esconder que “era uma mulher num corpo de homem” (ROCHA, 2010, p. 79). Neste sentido, o seu desejo era conseguir o dinheiro para operar-se e obter reconhecimento social como mulher. Por isso, prostituía-se entre os coronéis da ilha (ROCHA, 2010, p. 79) e,

mais tarde, entre turistas (ROCHA, 2010, p. 109, 155). Embora se considerasse uma mulher, Fusco é apresentado, ao longo do livro, como um homossexual, categoria na qual era identificado pelos *Pitboys*. Enjaulado socialmente numa categoria de gênero masculina, Fusco chegou a sofrer o engano e a tortura. Um dia, um suposto ‘médico’, chamado Doutor Melício, sujeitou-o a uma suposta ‘terapia’. Fusco, ignaro dos propósitos do ‘médico’, foi vítima de uma cruel e inútil ‘terapia reparatória’. Dessarte, através da tortura proporcionada por pulsões elétricas na carne, o suposto ‘médico’ cogitou que seria possível inibir a atração de Fusco pelos homens. Nesse momento, vivendo o apogeu do sofrimento físico e psicológico, Fusco constatou a demência do médico e a boçalidade do patriarcado, que discriminava as pessoas com base nos próprios preceitos. Assim, reitera: “Cada um é o que é. O doutor gosta de queijo e eu gosto de doce, o doutor gosta de mulheres e eu gosto de homens” (ROCHA, 2010, p. 80). Nesse sentido, cabe destacar que, apesar de um breve relacionamento assumido (ROCHA, 2010, p. 86), a vida sentimental de Fusco não foi satisfatória. A sua realidade, ao par daquela dos outros *Pitboys* era dilacerada por um imenso vazio material e afetivo. Logo, num dia qualquer, Fusco embarcou num iate e desapareceu no mar. Após a partida, o protagonista dedicou ao companheiro de vida uns pensamentos que ressoam como uma espécie de hino à liberdade:

Torço para que sejas feliz do teu jeito, que sejas a mulher que a natureza defraudou, que consigas rebolar sem complexos, que sintas liberto dos preconceitos, que obtenhas aqueles longos e fartos seios com que sempre sonhaste, que desfiles em alguma manifestação envolto numa bandeira gay travestido de mulher com longas pestanas e botas até joelho como sempre sonhaste, que vivas em plenitude a tua homossexualidade, nas ruas de Sidney, em algum cabaré de Amesterdão, mas vivas até morrer! (ROCHA, 2010, p. 209).

Eis aqui o ponto em que Sérgio demonstra uma generosa sensibilidade, fruto daquela vida madurada nas amarguras do mundo. O protagonista coacerva a sapiência da exclusão: como adolescente reprovado por uma escola

classista e como adulto ostracizado por uma sociedade elitista. Sérgio esconde em si a prodigalidade de quem responde ao ódio do preconceito abraçando outros marginalizados de um mundo envenenado pela discriminação e aprende, como Pedro Bala, a chamá-los companheiros. Sérgio demonstra sabedoria, procurando entender o próximo. Sabedoria nunca alcançada pelo titulado Doutor Apolinário. O advogado, sempre disposto a defender o lado dos vencedores, acostumou-se a condenar “o outro” para alimentar a sua soberbia, rebaixando a alteridade para se sentir melhor. Assim, disfarçando a própria sexualidade, o Doutor Apolinário acaba por ser surpreendido pela esposa ao ser penetrado pelo motorista e, convencido de ter perdido a ‘honra’, suicida-se: “A riqueza e a reputação, adquiridas de forma desonesta, são como um cubo de gelo brilhando numa manhã ensolarada. Chega o meio-dia e só resta a lembrança” (ROCHA, 2010, p. 213- 214).

Em contrapartida, como salienta Lugarinho, depois de Fusco, Sérgio revela a atração por outra personagem masculina: “Se, num primeiro momento a prática de relações homoeróticas foi motivo de curiosidade e de iniciação sexual, Sérgio, mais adulto, é atravessado pelo afeto por Mirinha, mesmo quando submetido à compaixão” (LUGARINHO, 2012, p. 221). Efetivamente, Sérgio aproxima-se de Mirinha, para ajudá-lo e, por causa da empatia provocada ao reparar a discriminação, decide acompanhá-lo no seu caminho. Assim, um dia, Mirinha entregou-lhe uma carta a ser enviada ao seu pai em que nas derradeiras linhas declarava:

Sou homossexual, a sujeira que entrou na sua casa mas não sei viver de outra maneira. Quero que saibas que eu não virei homossexual, nasci assim. Por isso, meu pai, para que não sintas mais humilhação e porque não sei viver de outra maneira, vou matar a cabeça. Talvez num outro mundo eu possa ser mais compreendido tal como sou. Sou capaz de aguentar as troças, a fofoca da vizinhança, mas não posso viver sem a tua bênção! Perdoa-me por ter nascido gay. Adeus para sempre (ROCHA, 2010, p. 118).

Na epístola enviada antes de morrer de *overdose*, Mirinha lamenta a exclusão social sofrida mas, sobretudo, sofre a rejeição paterna por causa do incumprimento das expectativas vinculadas à ideia de masculinidade. Definindo-se “homossexual”, Mirinha mostra como, na cruel leitura de si, a sua identidade era repudiada e nomeada através do solecismo de um termo em que não conseguia se inscrever. Nessa dificuldade terminológica evidencia-se um silenciamento representativo que oprime a personagem, levando-a ao apogeu da derrelição.

A constante ambiguidade na demarcação de uma fronteira entre homossexualidade e transexualidade, patenteia, assim, na obra *Marginais* a existência de identidades *queer* que não conseguem espelhar-se e identificar-se em categorias terminológicas estandardizadas. Mesmo assim, esse livro, apresentando as ruínas de um distópico contexto patriarcal, sabe mostrar, em terra africana, personalidades que fogem dos dogmas ficcionalmente naturalizados dentro de um esquema onde o gênero é considerado binário. Nesse sentido, o fluir da narrativa ressalta as imensas potencialidades existenciais para além do masculino e do feminino.

Dessa forma, reparara-se a complexidade e a performatividade de outras personagens, como Alcindo, apelidado de “Loiro”, socialmente invejado como construção mais emblemática da masculinidade – homem forte, desportivo, mulherengo e socialmente respeitado – que gerando enorme perplexidade social, será descoberto grávido (ROCHA, 2010, p. 121-123). Mesmo renegando, paradoxalmente, um envolvimento sexual com um homem, a identidade da personagem acaba por desconstruir todas as representações de virilidade e as invejas associadas àquele macho que atraía e sabia lidar perfeitamente com as mulheres. Desde então, a sua alcunha de “Loiro”, tornar-se-á “Branca de Neve” e a personagem começará a trabalhar no cemitério, enterrando para sempre as certezas de perfeição, pureza e universalidade de categorias impostas por uma esquematização de gênero binária e excludente.

Destaca-se assim, em *Marginais*, uma meritória atenção na representação de diferentes perspectivas afetivas, sexuais e de gênero, desveladas de forma mais extensa do que em *Capitães da Areia*, livro escrito em um contexto histórico-cultural distinto. Mesmo assim, no livro de Amado, apesar da época, o desejo homossexual é delineado, como também o relativo preconceito e a condenação social (homofobia). Efetivamente a homoafetividade presente entre vários dos ‘capitães’ é descrita de forma esporádica e embora não fosse condenada pelo narrador, que a define como uma forma de amor, é fortemente recriminada pela voz da sociedade (da religião e das instituições), bem como pela chefia dos ‘capitães da areia’.

Por outro lado, entre os *Pitboys* a homossexualidade de Fusco é aceite, apesar da conversão de Beto ao Evangelismo. Com efeito, a partir da conversão, aquele que foi desde sempre um grande amigo de Fusco começa a recriminar a sua homossexualidade afirmando “Homem que é homem não deixa ser enrabado, mas o Senhor tem poder!” (ROCHA, 2010, p. 189). Assim, ludibriado por preceitos discriminatórios, Beto, vestido de forma elegante e com a Bíblia na mão, organiza um histriônico exorcismo para libertar do demônio o amigo e a ex-namorada Mirna, esquecendo ter sido companheiro de todas as desventuras das suas vidas.

Dito isto, se quiséssemos fazer uma análise das personagens femininas, podemos constatar que em ambos os textos existem mulheres que desafiam veementemente os estereótipos relacionados com o gênero. Nesta lista podemos mencionar, em *Capitães da Areia*, a personagem Dora que, pretendendo participar plenamente da vida da gangue chegou a ser considerada por Professor: “valente como um homem”. (AMADO, 1937, p. 163).

Analogamente, em *Marginais*, aparece a personagem Lena, grande amiga de Sérgio que, temida por sua ousadia, coragem e liberdade, desafia as normas

do patriarcado. Lena excede no jogo de cartas ganhando, assim, o respeito da população masculina.

6. CONCLUSÃO

Repercorrendo o caminho traçado até agora, podemos constatar que nas duas obras, apesar das diferenças destacadas, encontramos numerosas representações de sexualidades não hegemônicas. Algumas das personagens apresentadas permitem uma desconstrução empírica dos estereótipos de gênero, esboçando alternativas àquela construção social dominante, que faz da disciplina dos gêneros — dos corpos e da sexualidade — a sua norma.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia* [1937]. Rio de Janeiro: Record, 1995.

ARAÚJO, Emanuelle Silva & BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. Suicídio: Crime, Pecado, Estatística, Punição. *IMED: Revista de Psicologia*, v. 4, n.2., p. 723-734, 2012.

Disponível:

<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/151>

Acessado em: 27/06/2018.

BORGES, Sónia Vaz. *Amílcar Cabral: Estratégias políticas e culturais para a independência da Guiné e Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado, Lisboa: FLUL, 2008.

Disponível: <http://repositorio.ul.pt/jspui/handle/10451/411>

Acessado em: 23/07/2018.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina* [1998]. Tradução de Miguel Serras Pereira. Oeiras: Celta, 1999.

DURKHEIM, Émile. Le suicide anémique. p. 264 – 311. In: *Le suicide* [1897]. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

LIMA, Neivana Rolim de & SOUZA, Maria Luiza Germano de. Resistência autoritarismo e literatura em *Capitães da Areia*. *ABRALIC: XIV Congresso Internacional Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias*, Belém do

Pará: UFPA, 29 de junho 3 de julho de 2015. Disponível:
http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456150712.pdf

Acessado em: 27/06/2018.

LUGARINHO, Mário César. Em Cabo Verde, os *Marginais*, de Evel Rocha: justiça social e gênero. *Via Atlântica*, N. 22, p. 219-223, São Paulo, dezembro 2012.

Disponível:

<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/51699/55763>

Acessado em: 17/12/2017.

MARX, Karl. *Sobre o Suicídio* [1881-1883]. Tradução de Rubens Enderle & Francisco Fontanella. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ROCHA, Evel. *Marginais*. Praia: Gráfica da Praia, 2010.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* [1986]. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Recebido em 24/07/2018.

Aceito em 16/09/2018.